

Suprimentos e acessórios

US\$ 15 milhões

> FATURAMENTO LÍQUIDO DO SEGMENTO

Com a adoção do padrão GSM no Brasil a partir de 2001, diversas empresas chegaram ao país para explorar o mercado de cartões de celular, ou chips, ou SIM cards (*subscriber identity module cards*). Gemplus e GD Burti (parceria entre o grupo alemão Giesecke & Devrient e a brasileira Gráficos Burti) foram algumas dessas empresas que criaram um setor estimado em torno de 100 milhões de cartões por ano.

O segmento de cartões SIM é altamente competitivo, marcado por consolidação de fabricantes internacionais e pela entrada de novos fabricantes locais. A própria Gemplus uniu-se à concorrente Axalto numa nova companhia, a Gemalto, para ganhar escala global. Outra empresa do ramo, a Daruma Orga, foi adquirida pela francesa Sagem e transformou-se na Sagem Orga. Essa movimentação deve aumentar ainda mais. “Nos próximos dois anos, haverá uma consolidação mundial, muito em parte forçada pela queda de preços”, avalia o gerente de telecomunicações da Sagem Orga do Brasil, Alfredo Werner.

O principal desafio dos executivos tem sido competir em um mercado em que o chip não tem um “rosto”: em geral, o cartão SIM fica embutido nos celulares e nem sempre o usuário visualiza os aplicativos dentro do cartão. As operadoras colocam as informações no chip e, para o assinante, não fica muito claro qual é a função do chip, além da facilidade de trocar de aparelho e carregar, com o chip, a agenda de telefones. No entanto, o cartão SIM é o verdadeiro cérebro do aparelho e tem funções vitais, como a criptografia dos dados transmitidos ou recebidos pelo celular; a criptografia garante a segurança de muitas aplicações desenhadas para celulares.

Mas os cartões SIM têm evoluído conforme crescem os aplicativos desenhados para o celular. No início, operavam com 32 kbytes de memória. Passaram para 64 kbytes há dois anos e, agora, trabalham com 128 kbytes. Isso permite, por exemplo, que as agendas de telefone, antes limitadas a 256 contatos, possam suportar até mil contatos. Essa evolução do cartão SIM trouxe a possibilidade de novos serviços como o MMS (*multimedia messaging service*), o mobile banking, o e-commerce, o acesso à Internet por meio do protocolo WAP e diversas outras aplicações.

Com a expansão de serviços de valor adicionado como câmeras, download de vídeos, de toques polifônicos e de músicas, os chips tendem a agregar cada vez mais informações. “O sincronismo do chip com a operadora [*backup da agenda*] é um dos serviços mais palatáveis para o cliente final”, afirma Werner, da Sagem Orga. Com essa aplicação, o assinante *arquiva* no portal da operadora as informações de agenda do cartão SIM e pode recuperá-las a qualquer momento.

A indústria de chips já tem cartões orientados para aplicações multimídia que ainda não entraram no mercado porque dependem do portfólio das operadoras e também de smartphones para suportar esses serviços. São aplicações baseadas na tecnologia NFC (*near field communication* ou comunicação por campo de curta distância), pelas quais é possível pagar o ônibus ou o metrô por meio do contato do celular/cartão SIM com a leitora. Ou ainda fazer pagamentos com o cartão SIM como se fosse um cartão de crédito.

“Mas o proprietário do SIM card é a operadora e é a operadora que define o que vai no chip”, diz o vice-presidente de marketing Latin America da Gemalto, Benjamin Binet. O executivo aponta algumas novas tendências para o cartão SIM: aplicações especiais, serviços multimídia e convergência de serviços do cartão SIM com o mundo dos computadores, onde o chip funciona como uma memória *flash* e transporta todas as informações do celular para o computador. “A estratégia é colocar mais valor na oferta dos serviços de SIM card e melhorar a receita por assinante”, diz Binet. Segundo o vice-presidente da Gemalto, quando se perdem as informações da agenda de telefone, por exemplo, registra-se uma queda de 15% a 20% em seis meses na conta do assinante.

A indústria de cartões SIM está atrelada ao avanço tecnológico dos aparelhos e da política de lançamento de novos serviços pelas operadoras. A Gemalto, por exemplo, já tem chips cuja memória podem chegar a 4 gigabytes. Mas não há terminais e nem aplicações para tanta capacidade. Enquanto isso não acontece, os chips continuam sem uma face visível pelo usuário final.